

100

101

102

103

104

105

106

107

108

109

110

111

112

113

114

115

116

117

118

119

120

121

122

123

124

125

126

127

128

129

130

131

132

133

134

135

136

137

138

139

140

141

142

143

144

145

146

147

148

149

150

151

152

153

154

155

156

157

158

159

160

161

162

163

164

165

166

167

168

169

170

171

172

173

174

175

176

177

178

179

180

181

182

183

184

185

186

187

188

189

190

191

192

193

194

195

196

197

198

199

200

201

202

203

204

205

206

207

208

209

210

211

212

213

214

215

216

217

218

219

220

221

222

223

224

225

226

227

228

229

230

231

232

233

234

235

236

237

238

239

240

241

242

243

244

245

246

247

248

249

250

251

252

253

254

255

256

257

258

259

260

261

262

263

264

265

266

267

268

269

270

271

272

273

274

275

276

277

278

279

280

281

282

283

284

285

286

287

288

289

290

291

292

293

294

295

296

297

298

299

300

301

302

303

304

305

306

307

308

309

310

311

312

313

314

315

316

317

318

319

320

321

322

323

324

325

326

327

328

329

330

331

332

333

334

335

336

337

338

339

340

341

342

343

344

345

346

347

348

349

350

351

352

353

354

355

356

357

358

359

360

361

362

363

364

365

366

367

368

369

370

371

372

373

374

375

376

377

378

379

380

381

382

383

384

385

386

387

388

389

390

391

392

393

394

395

396

397

398

399

400

401

402

403

404

405

406

407

408

409

410

411

412

413

414

415

416

417

418

419

420

421

422

423

424

425

426

427

428

429

430

431

432

433

434

435

436

437

438

439

440

441

442

443

444

445

446

447

448

449

450

451

452

453

454

455

456

457

458

459

460

461

462

463

464

465

466

467

468

469

470

471

472

473

474

475

476

477

478

479

480

481

482

483

484

485

486

487

488

489

490

491

492

493

494

495

496

497

498

499

500

501

502

503

504

505

506

507

508

509

510

511

512

513

514

515

516

517

518

519

520

521

522

523

524

525

526

527

528

529

530

531

532

533

534

535

536

537

538

539

540

541

542

543

544

545

546

547

548

549

550

551

552

553

554

555

556

557

558

559

560

561

562

563

564

565

566

567

568

569

570

571

572

573

574

575

576

577

578

579

580

581

582

583

584

585

586

587

588

589

590

591

592

593

594

595

596

597

598

599

600

601

602

603

604

605

606

607

608

609

610

611

612

613

614

615

616

617

618

619

620

621

622

623

624

625

626

627

628

629

630

631

632

633

634

635

636

637

638

639

640

641

642

643

644

645

646

647

648

649

650

651

652

653

654

655

656

657

658

659

660

661

662

663

664

665

666

667

668

669

670

671

672

673

674

675

676

677

678

679

680

681

682

683

684

685

686

687

688

689

690

691

692

693

694

695

696

697

698

699

700

701

702

703

704

705

706

707

708

709

710

711

712

713

714

715

716

717

718

719

720

721

722

723

724

725

726

727

728

729

730

731

732

733

734

735

736

737

738

739

740

741

742

743

744

745

746

747

748

749

750

751

752

753

754

755

756

757

758

759

760

761

762

763

764

765

766

767

768

769

770

771

772

773

774

775

776

777

778

779

780

781

782

783

784

785

786

787

788

789

790

791

792

793

794

795

796

797

798

799

800

801

802

803

804

805

806

807

808

809

810

811

812

813

814

815

816

817

818

819

820

821

822

823

824

825

826

827

828

829

830

831

832

833

834

835

836

837

838

839

840

841

842

843

844

845

846

847

848

849

850

851

852

853

854

855

856

857

858

859

860

861

862

863

864

865

866

867

868

869

870

871

872

873

874

875

876

877

878

879

880

881

882

883

884

885

886

887

888

889

890

891

892

893

894

895

896

897

898

899

900

901

902

903

904

905

906

907

908

909

910

911

912

913

914

915

916

917

918

919

920

921

922

923

924

925

926

927

928

929

930

931

932

933

934

935

936

937

938

939

940

941

942

943

944

945

946

947

948

949

950

951

952

953

954

955

956

957

958

959

960

961

962

963

964

965

966

967

968

969

970

971

972

973

974

975

976

977

978

979

980

981

982

983

984

985

986

987

988

989

990

991

992

993

994

995

996

997

998

999

1000

A HERDEIRA DOS OLHOS TRISTES

Karen Swan

A HERDEIRA DOS OLHOS TRISTES

Tradução
Luís Santos



Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor.
Reprodução proibida por todos e quaisquer meios.

A presente edição segue a grafia do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

© 2017, Karen Swan
Direitos para esta edição:
© 2018, Clube do Autor, S. A.
Avenida António Augusto de Aguiar, 108 - 6.º
1050-019 Lisboa, Portugal
Tel.: 21 414 93 00 / Fax: 21 414 17 21
info@clubedoautor.pt

Título original: *The Rome Affair*
Autora: Karen Swan
Tradução: Luís Santos (João Quina Edições)
Revisão: Silvina de Sousa
Paginação: Maria João Gomes,
em caracteres Revival
Impressão: Cafilesa – Soluções Gráficas, Lda. (Portugal)

ISBN: 978-989-724-408-7
Depósito legal: 435 883/17
1.ª edição: Janeiro, 2018

www.clubedoautor.pt

Para Wol
Que foi quem realmente escreveu este livro.

Prólogo

Roma, novembro de 1989

— Querida?

Bateu à porta, esforçando-se por identificar os normais ruídos da mulher nas suas rotinas — a água do banho a correr, o bater suave das portas do roupeiro a abrir-se e a fechar-se, o gentil trautear enquanto se vestia.

— Elena?

Aguardou mais um momento e depois entrou. Os cortinados estavam abertos, as luzes acesas, e o pequeno sulco na cama mostrava onde ela estivera deitada, com as almofadas ainda amarrotadas da sesta.

Sorriu para consigo ao fazer menção de voltar a fechar a porta — mas apercebeu-se de um objeto concebido expressamente para ser notado e, ao invés de sair, dirigiu-se ao toucador e pegou-lhe. O anel ainda estava quente do calor do corpo dela. Esfregou as pedras com o polegar, após o que as aproximou dos lábios e beijou ao de leve. Ela devia ter-se esquecido de o pôr após o banho, pensou, enfiando-o no bolso e decidindo, seguidamente, ir procurá-la na biblioteca.

Ela devia estar...

A pequena folha branca estava fora da vista, por baixo de um prato para anéis. Numa situação normal, ele nunca a veria, mas o cristal espesso servia de ampliador; ademais, ele reconheceria aquela letra onde quer que fosse. Puxou a folha do seu esconderijo, a respiração entrecortada enquanto lia, via e compreendia.

Depois saiu dali a correr.

Capítulo 1

Roma, julho de 2017

— «A luz cor de âmbar e os pardais», foi o que ela escreveu — disse Matteo, voltando a pousar o telefone na mesa.

— É *isso* que mais gostas na cidade? — indagou Alessandra, pasma. — E teve mais *likes* do que quase todos os outros *posts*! — Cesca riu-se, as mãos abertas para as estrelas. — O que queres que te diga?

— A maior parte das pessoas diria o Coliseu, ou o Fórum, ou o Panteão — retrucou Alé, num tom seco. — Até os vendedores ambulantes que vendem rosas na Escadaria Espanhola são mais citados do que os passarinhos castanhos que por aí andam a roubar os restos dos pratos.

— Pois, mas a maioria das pessoas não tem imaginação. Recuso-me a ser um cliché. Talvez seja por isso que elas gostam tanto do meu bloguezinho.

— Não é assim tão «inho» — corrigiu Matteo. — O número de seguidores está a crescer de tal maneira que não tarda tens anunciantes a bater-te à porta, e isso é que dá dinheiro.

— A sério? Olha, se eles se despachassem é que era... — gracejou Cesca.

Mas a verdade era que o *The Rome Affair* — a sua homenagem *online* ao berço do mundo antigo, do pecorino e da *la dolce vita* — chamara a atenção, deixando-a, a um tempo, entusiasmada e espantada com a crescente popularidade. Desde que fizera a primeira publicação a medo, havia sete meses, ela encontrara a sua voz, divagando um pouco sobre tudo, dos favos de mel caseiros vendidos no monte Aventino às suas lojas *vintage* preferidas, entremeando com as desventuras vividas nas visitas guiadas que eram o seu trabalho.

Guido ofereceu um sorriso rasgado, com a calva bronzeada a cintilar à luz.

— Bem, pelo menos isso explica porque não continuaste onde estavas. Não se pode esperar que alguém para quem Roma se define pela luz trabalhe num mundo tão pardacento como os tribunais britânicos.

— Obrigada, Guido — agradeceu Cesca, erguendo o copo num brinde. — Bebo a isso.

Todos a acompanharam, terminando a *grappa* e recostando-se nas cadeiras com sorrisos descontraídos. Era a reta final de mais um belo serão, com o ar quente a assentar como pálpebras sonolentas e o cheiro do jasmim um rasto de pó que cobria o céu. Haviam-se saciado com pratos de *pasta* e peixe, com todas as mesas de pátio do restaurante ocupadas. Já passava das dez, mas ainda era cedo para Roma; nos dias que corriam, era também cedo para ela.

— Então e agora? Vamos ao Zizi? — perguntou Alé, recostando-se na cadeira e apanhando o cabelo preto num rabo de cavalo, os braços magros nus realçados pelo colete de caqui. — Hoje atua lá aquela banda. A que vimos no Rock in Roma, em junho?

— A da cantora jeitosa? — indagou Matteo, parecendo interessado. O que se verificava sempre que havia uma mulher atraente envolvida.

— *Eu* achei que *ele* era jeitoso — riu-se Alé, deixando o cabelo soltar-se até aos ombros. — Mas sinceramente, nunca pensei que gostasses de barbas.

Todos se riram, com Matteo a baixar a cabeça enquanto lhe atiravam com os guardanapos.

— Pensava que estavas a falar...

— Eu sei, daquelas três irmãs.

— Por mim pode ser o Zizi — afirmou Guido. *Ele* gostava de barbas.

— Pois, hoje não contem comigo — escusou-se Cesca, levando a mão à bolsa, junto aos seus pés. — Tenho um grupo marcado para as seis, por isso preciso de me levantar às cinco.

— Mas isso é tão chato. — Alé franziu a testa, observando Cesca pegar na conta do pires e calcular a sua parte, os lábios a mover-se em silêncio.

— A quem o dizes — concordou Cesca daí a pouco, revirando os olhos. — Mas, infelizmente, a renda não se paga sozinha.

Alé estalou a língua.

— Nem acredito que não te pagam para morares nesse apartamento! — comentou sarcasticamente, ao mesmo tempo que oferecia um esboço de sorriso meio provocador ao empregado quando este chegou com nova rodada de digestivos.

— Obrigadinho. Por acaso, *eu* acho-o encantador. Devias ver aquilo que conseguias em Londres com uma renda equivalente. Pelo menos aqui, as coisas são todas... — Cesca franziu o cenho. — Como é que se diz «pitoresco»? Como quando as coisas são pequeninas e giras e antigas?

Todos ofereceram a tradução em uníssonos.

— Pois, *isso* — assentiu, enquanto revirava a bolsa, desejando que o seu italiano se aproximasse do inglês dos amigos. Talvez se só falassem italiano com ela tivesse feito mais progressos, mas não se ririam com tanta frequência, nem se divertiriam tanto.

— Mas dizes que uma barata te passou por cima da cara quando estavas a dormir — recordou-a Alé, com um arrepio.

— Foi só dessa vez. Logo na primeira semana. Acho que por esta altura já as afugentei.

— E as luzes estremecem quando andas pelo quarto — acrescentou Matteo. — E a tua televisão deve ser o único aparelho a preto e branco ainda a funcionar no país inteiro.

— Na Europa toda — corrigiu Guido.

Matteo fitou-o.

— Exatamente.

— Além disso, cheira a *cavalo* — disse Alé, franzindo o nariz.

— Nada que uma vela aromática não resolva, e fiquem a saber que a minha televisão é uma questão de *design*, como a cerveja artesanal do Guido, e a barba *hipster* dele — adiantou com um sorriso, antes de lhe afagar a barba afetuosamente, como se Guido fosse um *terrier*. Nunca o vira sem barba, não o imaginando escanhado. Seria como vê-lo nu. — Além disso, tem banheira...

— Blhé! — Matteo fez uma careta. — Mas de onde vem a obsessão dos ingleses por ficarem deitados na água suja?

— É reconfortante! Gostava de te ver a enfrentar um inverno inglês. Na faculdade, às vezes só conseguíamos aquecer com um banho. — Respirou fundo ao vê-los a sorrir, apreciando a sua dança. — E nenhum mora numa cobertura, pois não? — lembrou, com os amigos a rir-se à gargalhada.

— Fica. Pelo menos para mais um copo — implorou Alé.

— Não posso, a sério — insistiu Cesca, debruçando-se para os beijar a todos. — Ando a abusar da sorte nos últimos tempos, e sabes como sou de manhã.

— *Eu* gostava de saber — riu-se Matteo, espreguiçando os braços para exhibir os músculos impressionantes.

— És incorrigível. — Cesca sorriu. — Mas preciso deste emprego. Tenho buracos nas solas de tanto andar e estou sem dinheiro para comprar um par de sapatos novo. — Levantou o pé para mostrar a lona rota dos *Converse* amarelos.

— Mas tens dinheiro para vinho ao jantar, obviamente — indicou Guido, virando a garrafa vazia mais próxima.

— Claro. Prioridades, meu querido — brincou Cesca.

— Pensava que as tuas sapatilhas eram mesmo assim — comentou Matteo, mirando-as. — Tudo o que usas está a cair aos bocados.

— Só dizes isso porque *tu* não tens olho para o *vintage* — retrucou Alé, em solidariedade. — Para ti, tudo o que não é *Gucci* acabadinho de sair da caixa é lixo.

O olhar de Matteo dirigiu-se ao buraco da camisola de algodão branco de Cesca, que o tapou com a mão.

— Só mostra que teve muito amor — riu-se, pegando no panamá (um tanto ou quanto puído) das costas da cadeira. Pô-lo enquanto soprava beijos a todos. — Até amanhã, *amigos*. Vocês são do melhor. Liguem-me! — Sorriu e acenou, começando a afastar-se, com a voz dos amigos a sobrepor-se ao burburinho do restaurante.

O trajeto até casa era curto. Em Roma, não havia nada que ficasse particularmente longe. Cruzou a Piazza San Cosimato, onde as bancas do mercado estavam empilhadas e acorrentadas, prontas para as vendas da manhã seguinte, e penetrou no labirinto de ruelas serpenteantes, com os edifícios a desaparecer gradualmente sob as fachadas frondosas de jasmim e de hera. Havia grupos um pouco por todo o lado, mesas chegadas às paredes de modo a permitir a passagem das limusinas vindas do aeroporto, motoretas dispostas em alas precárias, quais dominós, música a emanar de cada janela aberta.

O apartamento no Centro Storico, escondido na confusão de ruas entrecruzadas entre a Piazza Navona e o Campo de' Fiori, poderia não ter uma morada chique como as residências dos amigos em Trastevere — onde artistas, *designers* e *hipsters* se juntavam até altas horas nos bares e nos restaurantes improvisados —, e ela podia ser a responsável solitária pela quebra em quarenta anos da idade média dos residentes, mas *tinha* uma localização central, tornando-o bastante útil para o trabalho. Andava tanto nos últimos tempos que não precisava de mais uma caminhada para chegar a casa.

Ademais, ela nunca fora pessoa de seguir os rebanhos; o estilo *vintage* era o menos relevante. Quando adolescente, ouvia Patti Smith e Carly Simon, com todos a palpar pelos McFly; desde cedo aceitara que a sua juba louro-framboesa (certo,

ruiva) encaracolada nunca obedeceria aos alisadores de cabelo; e com um metro e setenta e cinco, era demasiado alta para se esconder na multidão. Portanto, o apartamento podia ter baratas e ligações elétricas manhosas, mas também tinha azulejos turquesa originais da década de 1960 na cozinha e uma banheira de esmalte. O terraço minúsculo — pouco maior do que a mesa — oferecia um panorama sobre os telhados, com nada mais, nada menos do que sete campanários (adorava ver os sinos descompassados aos domingos de manhã). E, o melhor de tudo: ficava a um canto de uma praça particularmente diminuta e sossegada que dava para a agitada Piazza Angelica e que tinha tudo aquilo de que precisava — uma *osteria* escura a um canto, uma *pizzeria* à frente e a melhor padaria de Roma na porta ao lado da sua. Havia uma figueira frondosa na esquina da *osteria*, e no centro da praça erguia-se uma oliveira vetusta cujos ramos abanavam à brisa como bailarinas de *hula*. Sentira-se em casa mal vira aquele cenário.

Piazzas ocasionais abriam os espaços apertados enquanto avançava, mostrando retângulos de céu por cima dela, com o luar prateado a cobrir as ruas adormecidas. Os *Converse* puídos pisavam silenciosamente o empedrado e tinha a cabeça ocupada com a visita guiada do dia seguinte e as narrativas de que precisava na ponta da língua para cumprir na perfeição os deveres do trabalho. Tudo aquilo ainda lhe parecia novo. A vida anterior era um sonho distante, qual história contada, e não algo que lhe pertencesse, que lhe interessasse, que a definisse.

Virou para a pequena praça, a Piazzetta Palombella, e passou pela Osteria Antico, ainda cheia, embora não aceitassem reservas, não tivessem pratos do dia nem ementa — comia-se aquilo que o Signor Accardo tivesse cozinhado e a mulher servisse. Ao passar, Cesca levantou a mão num cumprimento à Signora Accardo, que envergava o tradicional avental preto comprido e levava pratos de volta à cozinha.

No lado oposto da praça, a Franco's Pizzeria tinha a habitual fila à porta, com a algaraviada sonora, os vivas e os gritos da

multidão expectante a subir e a descer enquanto a massa era atirada ao ar em floreios acrobáticos e as chamas do forno a lenha lançavam uma luz ofuscante para a rua. Propriedade de Franco Luciano, *pizzaiolo* de terceira geração, era agora gerida pelos seis filhos, sendo eles parte tão integrante do encanto da *pizzeria* como a famosa massa Luciano. Era difícil distingui-los — todos tinham cabeleiras escuras, dentes brancos, olhos castanhos e pele cor de azeitona, e vestiam-se de igual, gritando e gesticulando furiosamente enquanto ziguezagueavam à volta uns dos outros — que Cesca decidira dominar a língua italiana antes de lhes perguntar os nomes. Trabalhavam segundo o instinto, lidando com agilidade com as pás de forno de três metros. Ela nunca se apercebera de que fazer pizzas era uma habilidade de tal modo virtuosa até ali chegar e ver a competência com que eles amassavam, atiravam e giravam as bases, os bíceps a fletir-se por baixo das *T-shirts* brancas justas.

Ricci, o filho mais velho de Franco, avistou-a ao levar um balde de lixo à rua e cumprimentou-a; ela acenou-lhe em resposta, sentindo-se grata pelo caloroso sentido de comunidade dos novos vizinhos.

Subiu os degraus laterais até à frente do apartamento, contornando cuidadosamente os vasos de gerânios dispostos em cada degrau pela Signora Dutti, a senhoria, uma viúva que vivia no rés do chão. Nos últimos sete meses, Cesca acordara todas as manhãs ao som do varrer dos degraus, sempre às sete e quarenta em ponto, com o levantar e pousar dos vasos a ser o equivalente italiano do retinir da louça do pequeno-almoço.

No apartamento estava fresco e escuro, com os cortinados de renda *vintage* pendurados, inertes, à frente da janela: abriu as portadas para deixar que a brisa agitasse o ar estagnado do dia. Sentiu com prazer os mosaicos de terracota ao descalçar as sapatilhas e percorrer a zona de sala de estar/jantar até à cozinha minúscula nas traseiras, onde se serviu de um copo de água e cortou um pêssego para um pires. Ligou o televisor e foi saltando pelos canais até encontrar uma reposição de uma velha

série do Detective Montalbano, após o que se dirigiu à casa de banho e abriu a água da banheira — o seu ritual noturno, independentemente da troca dos amigos.

Sentada na borda do sofá, comeu o pêssago lentamente, vendo um tiroteio em silêncio enquanto, em fundo, o som da água a bater no esmalte da banheira se tornou um chapinhar mais grave. Bastou-lhe a audição para saber quando a água atingiu a profundidade perfeita, indo fechar as torneiras.

Levou o pires para a cozinha já só com o caroço do pêssago, passou o pequeno prato por água e fechou o saco do lixo. Ergueu-o com cuidado, ciente de que a taça de cereais da véspera continha mais leite do que se apercebera, e correu para a porta da rua, com o bíceps magro retesado para manter o saco afastado do chão. Enfiou os pés nas sapatilhas, apoiando nelas os calcanhares para não ter de desapertar os atacadores, virou-se e — claro — viu grandes manchas brancas de leite nos mosaicos. Estalou a língua e desceu os degraus o mais depressa possível, praguejando ao bater com o fundo do saco num vaso e derrubando-o, com a terra a espalhar-se.

Virou para o beco estreito entre o prédio e a padaria, e levantou a tampa do contentor, o braço com que segurava o saco pronto a atirá-lo para o interior e sustendo automaticamente a respiração — o fedor era sempre imenso.

Mas franziu o cenho ao avistar qualquer coisa em cima dos outros sacos no contentor. Pousou o seu junto aos pés, esticou-se e tirou uma bolsa. Parecia nova e cara. Era uma *clutch* de pele cinzenta, com lados rígidos e pontos cruzados nas junções. Cesca não era aficionada da moda, mas, pelo fecho de estilo bambu, até ela percebia que se tratava de uma *Gucci* (na sua antiga vida, uma bolsa da santíssima trindade — *Gucci*, *Prada* ou *Céline* — era uma das características das advogadas mais velhas, uma forma de evidenciar o êxito quando quaisquer outros indicadores ficavam por baixo da peruca e da toga). Esfregou a pele com o polegar — não parecia falsa; também não cheirava

a falsa, pensou, apreciando o rico aroma a pele. O que raio estaria ali a fazer?

Não demorou a perceber.

Ignorou o grande saco a verter e abriu a bolsa. Ao contrário da sua, com uma panóplia de tralhas, aquela era quase uma desilusão na escassez — uma escova (sem um único fio de cabelo), um pó suave *Chanel Les Beiges*, uma miniatura de perfume *Annick Goutal*, vários cartões de visita presos com uma mola para dinheiro de prata... Mas o mais marcante era o que *não* se encontrava lá dentro — nem carteira nem telefone. O ladrão limitara-se a tirar aquilo que quisera e a livrar-se da bolsa assim que possível; seria incriminador, se encontrado com ela.

Mesmo sem valores em dinheiro nem cartões de crédito, seria uma bolsa de mil euros, mas, sem documentos que a identificassem, seria impossível devolvê-la ao proprietário. E agora?, interrogou-se. Será que a polícia poderia fazer alguma coisa, ou achado não era roubado? Não que ela alguma vez fosse usar uma coisa daquelas. Devia pertencer a uma mulher que arranjava o cabelo todos os dias, via as manicuras como um dos pilares da civilização e usava diamantes ao pequeno-almoço. Talvez a devesse vender? Precisava de dinheiro, e...

Surgiu-lhe uma ideia repentina — talvez a bolsa contivesse um número de série, como os encontrados num *Rolex* ou num carro, algo que levasse ao dono? Uma das advogadas no escritório onde ela trabalhara tinha uma *Hermès Birkin* com um pequeno cartão com várias referências de autenticação. Se aquela bolsa tivesse algo semelhante, talvez a pudesse devolver: seria uma solução com a qual se sentiria mais confortável.

Abriu o bolso lateral, que parecia vazio, mas continha algo. Tirou um pequeno envelope azul fechado, com as extremidades coçadas; à frente, numa letra elegante, estava o nome de uma mulher: «Elena».

Cesca mordeu o lábio. Seria o nome da mulher a quem pertencia a bolsa, ou a pessoa a quem o proprietário escrevera?

— *Buona notte*, Cesca.

Cesca ergueu o olhar e viu a Signora Dutti a regar a profusão de vasos à sua porta, a dar de beber às plantas agora que o calor do dia já não ressequia as folhas. Usava a bata azul habitual, tinha os pés enfiados num par de sandálias *Scholl* velhas, e uma rede no cabelo mantinha os rolos no sítio, à espera da manhã seguinte.

— *Buona notte*, Signora — sorriu Cesca, acenando-lhe inadvertidamente com a bolsa. Viu que o objeto chamou a atenção da senhoria: a qualidade e o valor implícito eram notórios, mesmo para uma idosa com pouca visão. — Oh. — Aproximou-se rapidamente da senhoria. — Encontrei isto no lixo.

A Signora Dutti abanou a cabeça e estalou a língua.

— Ladrões. — Pousou o regador e aceitou a bolsa que Cesca lhe estendia, com a pele clara e lisa a estabelecer um contraste acentuado com a pele engelhada e sarapintada da idosa.

— Infelizmente levaram todos os valores que continha: carteira, telefone... Mas a bolsa parece cara; haverá alguém a sentir a falta dela. E encontrei isto. — Mostrou a carta.

A expressão da Signora Dutti alterou-se quando leu o nome.

— Não saberá quem possa ser a Elena, não? — Cesca franziu o nariz. — Quer dizer, imagino que isso seria como... — Calou-se ao ver a expressão no rosto da idosa: satisfação. — Sabe?

A Signora Dutti anuiu e ergueu lentamente o braço, com um dedo esticado, apontado para o *palazzo* azul-claro no lado oposto da praça. As portadas estavam pintadas de creme-pálido, e só naquela parede havia vinte e quatro janelas — seis em cada um dos quatro pisos. A frente do *palazzo* não dava para a pequena *piazzetta*, sendo a lateral direita que as duas mulheres observavam, estando a porta de entrada situada na Piazza Angelica, ao virar da esquina. Nos sete meses que ali residia, Cesca nunca vira ninguém a entrar ou a sair do edifício. As portadas, pelo menos daquele lado, estavam sempre fechadas.

— Ela mora ali?

A Signora Dutti assentiu, com uma expressão inescrutável nos olhos escuros.

— Ela mora ali.